THAIS FERNANDA MAUL BIZARRIA

**A POESIA E O PENSAMENTO JURÍDICO-FILOSÓFICO:
um estudo de um caso**

Dissertação de Mestrado

Orientadora: Professora Doutora Mara Regina de Oliveira

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE DIREITO

São Paulo-SP

2020

THAIS FERNANDA MAUL BIZARRIA

**A POESIA E O PENSAMENTO JURÍDICO-FILOSÓFICO:
um estudo de um caso**

Dissertação apresentada à DD. Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Direito, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FDUSP), na área de concentração Filosofia do Direito e Teoria Geral do Direito, sob a orientação da Professora Doutora Mara Regina de Oliveira.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE DIREITO

São Paulo-SP

2020

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Bizarria, Thais Fernanda Maul

A Poesia e o Pensamento Jurídico-Filosófico: um estudo de um caso ; Thais Fernanda Maul Bizarria ; orientadora Mara Regina de Oliveira -- São Paulo, 2020.

219

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Direito e Teoria Geral do Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2020.

1. Interdisciplinaridade. 2. Direito - Poder. 3. Poesia. 4. Édipo rei. 5. Sófocles. I. Oliveira, Mara Regina de, orient. II. Título.

Nome: BIZARRIA, Thais Fernanda Maul

Título: A Poesia e o Pensamento Jurídico-Filosófico: um estudo de um caso

Dissertação apresentada à DD. Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Direito, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FDUSP), na área de concentração Filosofia do Direito e Teoria Geral do Direito, sob a orientação da Professora Doutora Mara Regina de Oliveira.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico este trabalho a Deus, razão da
minha existência.

AGRADECIMENTO POÉTICO

Inicialmente, agradeço a Deus, o nosso
criador e grande protetor,
por sempre ser o meu maior inspirador
e iluminar os meus passos e a minha
mente com todo o seu louvor.

Agradeço à professora doutora Mara
Regina de Oliveira,
excelente profissional que levanta com
maestria a bandeira
do ensino interdisciplinar, sendo pioneira
ao envolver a Filosofia do Direito à arte
no geral.

Grata pela oportunidade de desenvolver
esse trabalho intelectual.

Agradeço aos demais professores
pela transmissão de conhecimentos e de
valores.

Gratidão eterna por cursar cada
disciplina

regada de sabedoria cristalina.

Agradeço à minha amada mãe, que
sempre me incentivou a estudar,
ao expressar que os livros ajudam a
inspirar, poetizar e a sonhar.

Ao meu precioso marido, que sempre
resplandece o meu coração
de amor, carinho, paciência, luz, paz e
muita motivação.

Por fim, agradeço aos colegas do
mestrado e a todos os colaboradores da
Universidade
pela costumeira educação, atenção e
cordialidade.

“[...] por trás de todo saber, de todo conhecimento, o que está em jogo é uma luta de poder. O poder político não está ausente do saber, ele é tramado com o saber”

(FOUCAULT, 2015, p. 51).

BIZARRIA, Thais Fernanda Maul. A Poesia e o Pensamento Jurídico-Filosófico: um estudo de um caso. 219 páginas. Mestrado - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender, por meio da famosa obra prima da literatura ocidental, “Édipo rei”, de Sófocles, com fulcro no ensino interdisciplinar, o caráter interativo das relações de poder, a legitimidade e o discurso, sob a abordagem da pragmática jurídica. Antes disso, primoroso o resgate da incipiência do Direito, da arte poética e teatral, do sempiterno filósofo Aristóteles, uma vez que a obra sofocliana do mito edipiano foi escrita na Grécia, na Antiguidade. Para ratificar a pretensão do trabalho, o estudo tem supedâneo nos ensinamentos do grande filósofo Michel Foucault, aprimorado pela professora Mara Regina de Oliveira sobre a temática do poder aliada a outros estudiosos da filosofia, do direito e da arte. A interação dos saberes propicia uma forma reflexiva e próspera da compreensão da realidade, o que é fundamental para o enriquecimento em âmbito pedagógico e para evolução da humanidade. Ademais, a obra poetizada eleita explora o quanto a linguagem e a experiência artística estimulam o pensamento jurídico-filosófico, gerando um entendimento ampliado acerca da complexidade humana, enfim, do homem e do universo, por meio da arte.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Direito. Poder. Poesia. Teatro. Tragédia. Édipo rei. Sófocles.

BIZARRIA, Thais Fernanda Maul. Poetry and Juridical-Philosophical Thinking: a case study. 219 pages. Master - Faculty of Law, University of São Paulo, São Paulo, 2020.

ABSTRACT

The aim of this work is to understand, through the famous masterpiece of western literature, "Oedipus the King" or "Oedipus Rex" by Sophocles, with a focus on interdisciplinary teaching, the interactive character of power relations, legitimacy and discourse, under the pragmatic legal approach. Before that, the exquisite rescue of the incipience of law, of the poetic and theatrical art, of the everlasting philosopher Aristotle, since the work of Sophocles, the Oedipal Myth, was written in Greece in antiquity. To ratify the pretense of the work, the study has its foundation in the teachings of the great philosopher Michel Foucault, enhanced by Professor Mara Regina de Oliveira on the theme of power allied to other scholars of philosophy, of law and art. The interaction of knowledge provides a reflective and prosperous way of understanding reality, which is fundamental for the enrichment in the pedagogical scope and for the evolution of humanity. Moreover, the poetized work of art explores how language and artistic experience stimulate juridical-philosophical thinking, generating a broader understanding of the human complexity, finally, of man and the universe, through art.

Keywords: Interdisciplinarity. Law. Power. Poetry. Theater. Tragedy. Oedipus the King. Sophocles.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A POESIA, O DIREITO E O TEATRO: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR	21
1.1 Interdisciplinaridade	21
1.2 Relação da Poesia com o Direito	30
1.3 A incipiência do direito grego	34
1.4 A origem e a definição da poesia	47
1.5 O nascimento do teatro grego e o papel do dramaturgo e poeta Sófocles.....	53
2 AS CONTRIBUIÇÕES ARISTOTÉLICAS AO ESTUDO POÉTICO E UMA ABORDAGEM FOUCAUTIANA DA OBRA SOFOCLIANA, ÉDIPO REI	61
2.1 Aristóteles, sua poética e a definição de tragédia	61
2.2 Édipo rei e a história que precede os versos sofoclianos	72
2.3 Foucault, o direito, as práticas judiciárias gregas e o inquérito	77
2.4 Foucault, o desvelamento da verdade com as leis das metades	98
2.5 Foucault, o saber e o poder em excesso e a tirania	110
3 BASES TEÓRICAS DE UMA COMPREENSÃO META-COMPLEMENTAR DO PODER E DO HOMEM NA ESFERA JURÍDICA	129
3.1 A relação meta-complementar de poder e algumas distinções.....	129
3.2 As reações de confirmação, rejeição e desconfirmação da ordem normativa	133
3.3 A violência simbólica e não razoável	135
3.4 Complexidade humana: racionalidade e a demência do homem	143
4 O OLHAR JURÍDICO - FILOSÓFICO SOBRE ÉDIPO REI, DE SÓFOCLES	149
4.1 O poder de Édipo rei como governante e o Sacerdote de Zeus	149
4.2 A revelação oracular transmitida por Creonte e o suposto conluio desse com Tirésias	156

4.3 A intervenção feminina de Jocasta na querela entre Édipo e Creonte	172
4.4 A acareação do mensageiro coríntio e do pastor tebano e a verdade.....	186
4.5 O suicídio de Jocasta, o autocegamento de Édipo e a perda do seu poder	192
CONCLUSÃO	201
REFERÊNCIAS	207
APÊNDICE A – EPÍTOME POÉTICO.....	215

INTRODUÇÃO

Antes de submergirmos na peça “Édipo rei”, cabe salientar que a presente dissertação é uma construção interdisciplinar que aplica o estudo da filosofia do direito na peça sofocliana, pretendendo trazer à luz o espetáculo teatral poético sob a ótica das relações de poder, da legitimidade e do discurso, sob o enfoque da pragmática jurídica. Para isso, utilizamos o mito edipiano versificado por Sófocles, propiciando o entrelaçamento da literatura, da poesia, do teatro, da filosofia e do direito, sob uma visão interdisciplinar jurídico-filosófica, eis que a arte teatral e a poética instigam e produzem o pensar.

Por meio da peça sofocliana, serão vislumbrados os valores reflexivos e críticos que imperavam nos espetáculos teatrais gregos, assim sendo, poderemos obter a melhor compreensão daquele mundo e trazer as percepções passadas para a contemporaneidade, no que concerne aos aspectos jurídicos, por meio do artístico.

Nesse diapasão, com foco na interdisciplinaridade, tendo em vista que a peça “Édipo rei” é escrita em versos, destacando-se o direito, pretende-se a integração entre saberes filosóficos, jurídicos e artísticos, especialmente por notarmos esse recorte epistemológico versificado das práticas jurídicas da Antiguidade, por Sófocles.

Investigaremos as relações da poesia com o direito, a incipiência do direito grego, a origem e a definição de poesia na Antiguidade, o nascimento do teatro e um panorama das contribuições do poeta e dramaturgo Sófocles, autor da obra em estudo.

Pretende-se apontar como, na sociedade antiga, o direito, a poesia, poeta e o teatro eram vistos e tentados, sendo possível, aferir uma utilização prática para os dias de hoje, em especial na ciência jurídica e filosófica.

Seguidamente, traremos à baila as contribuições aristotélicas ao estudo da poética, especialmente a organização conceitual por ele empregada aos gêneros da poesia, identificando a tragédia. Ato contínuo, ingressaremos em “Édipo rei” e a história que precede os versos sofoclianos, eis que a peça começa já com a desordem da cidade tebana e não exhibe com exatidão os fatos antecedentes.

Ato contínuo, traremos os apontamentos de Foucault, que aborda os versos da peça em exame como temática relevante no seu movimento filosófico, em suas inúmeras conferências, abordando com maestria as práticas judiciárias gregas, o desvelamento da

verdade, as leis das metades e o saber-poder tirânico de “Édipo rei”, o fenômeno da judicialização da vida, essenciais para o exercício do direito na contemporaneidade, bem como a relações de saber e poder ali existentes.

Desse modo e desde logo, é importante citar que, embora “Édipo rei” seja universalmente conhecido e divulgado sob o olhar do famoso neurologista e psiquiatra fundador da Psicanálise, Sigmund Freud, a abordagem deste trabalho será totalmente diferente, feita com fulcro no Édipo foucaultiano e não em Édipo freudiano.

Nesse trabalho, buscar-se-á a consolidação e apresentação de doutrinas jurídico-filosóficas, iniciando com as riquíssimas contribuições de Michael Foucault. Posteriormente, adentrarmos no estudo da obra sob a perspectiva da visão interativa do poder desenvolvida pela professora Mara Regina de Oliveira em suas obras “O Desafio à Autoridade da Lei” e “Shakespeare e o Direito”, com o auxílio de conceitos teóricos apresentados por autores clássicos e contemporâneos, tanto do direito, como da filosofia.

Em seguida, caminharemos para a apresentação das bases teóricas de uma compreensão meta-complementar do poder e do homem na esfera jurídica, instante em que será estudada a relação meta-complementar de poder e algumas distinções, as reações de confirmação, rejeição e desconfirmação da ordem normativa, a violência simbólica e não razoável e a complexidade humana: racionalidade e a demência do homem para, então, adentrarmos propriamente na tragédia de Sófocles, sob a perspectiva de um olhar jurídico-filosófico acerca de “Édipo Rei”, sendo observadas e destacadas as nuances concernentes à filosofia do direito.

No que concerne ao olhar jurídico-filosófico na peça sofocliana, mergulharemos em questões centrais que envolvem o âmbito do poder, jurídico, filosófico e político, de tal modo que averiguaremos na trama as instigantes relações de mando e obediência, de imposição de autoridade, de soberania, etc. Nesse diapasão, focaremos nas manifestações de poder de Édipo na qualidade de governante, destacando a relação do governante para com os súditos, para com a divindade e a própria realeza no decorrer da peça.

Nesse contexto, será trazido à baila o estudo jurídico-filosófico do poderio do governante com a desordem da cidade, a revelação oracular feita por Creonte e as suas consequências, o suposto conluio de Tirésias e Creonte contra Édipo, a intervenção feminina personificada pela rainha Jocasta na querela entre Édipo e Creonte, a esperada acareação entre o mensageiro coríntio e o pastor tebano. Finalmente, ao caminhar para o alcance da verdade tão

buscada pelo herói, ao término do espetáculo, veremos a fragilidade humana com o suicídio de Jocasta, o autocegamento de Édipo e a sua perda de poder com a sua retomada por Creonte. Dessa forma, abordaremos a interatividade na relação de poder ser comum inclusive aquela época.

Desde logo, convém registrar que os versos sofoclianos são transmitidos com nobreza e abordam assuntos de grande interesse para o direito, tal como o abandono de menor (pais legítimos de Édipo repudiam o filho e ordenam a sua morte), homicídio e sua tentativa (matar alguém), parricídio (matar o próprio pai), o incesto (relação sexual com a mãe), a mutilação (auto cegueira), o suicídio (Jocasta tira a própria vida), o que ratifica a importância da discussão jurídico-filosófica acerca do poder, em “Édipo rei”, de Sófocles. É fato que, na construção sofocliana, um crime acaba levando ao outro. Trata-se uma peça magistral de piedade e temor, extremamente impactante e comovente, por isso a tragédia mais elogiada por Aristóteles.

É insofismável que a tragédia sofocliana propicia enorme contribuição aos estudos das relações de poder e ao âmbito jurídico, do fenômeno linguístico de comunicação. Além disso, a peça traz um aporte abastado sobre a complexidade humana, especialmente a demencialidade em sobreposição à sapiencialidade, a ameaça, o delírio, a violência real e a simbólica, o que direciona ao estreitamento das relações da arte com o direito, visando à ampliação da capacidade da visão cognitiva.

Ademais, o presente trabalho interdisciplinar propiciará uma aproximação do poeta, do filósofo, do artista, e do jurista, da reflexão, do belo com o justo, cujas experiências e as emoções próprias da linguagem teatral edipiana de Sófocles acarretarão no alargamento do raciocínio puramente lógico tradicional.

Nessa perspectiva, vale citar que a arte captura, concomitantemente, o que é bom e ruim, auxiliando a enxergar o que, por vezes, não se vê no cotidiano comum. Aliás, conforme a professora Mara Regina de Oliveira (2015, p. 1), direito e arte, ao serem estudados no âmbito da interdisciplinaridade, estão na abordagem zetética, sendo sua interconexão uma maneira proveitosa de extensão da pesquisa.

Dessa feita, por meio da abordagem zetética, isto é, crítica e alargada, almeja-se seguir com o presente estudo de modo que seja identificada mais que meras abstrações teóricas, mas sim uma compreensão da temática do poder com fulcro na interdisciplinaridade e da

pragmática jurídica, sendo analisadas as interações emanadas pela comunicação linguística entre os personagens da tragédia.

Nesse ínterim, primordial o estudo interdisciplinar, uma vez que privilegia o aumento do posicionamento crítico e reflexivo da realidade, por conseguinte propiciando o enriquecimento intelectual, eis que a obra prima do mundo “Édipo rei” é uma peça riquíssima de teor jurídico, filosófico, político, cultural e artístico.

De modo geral, uma vez apresentada a introdução dessa dissertação, caminhamos para a exibição dos temas ora propostos e introduzidos, estruturados em quatro capítulos, seguidos da conclusão e das respectivas referências bibliográficas. Não obstante, ao final, apenso a esta dissertação, será trazida uma poesia confeccionada pela autora do presente trabalho, que tentou sintetizar, em linguagem poética, um pouco do que será estudado do mito edipiano de Sófocles, sob a ótica do poder e do homem no âmbito jurídico-filosófico.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir que um dos grandes legados da obra “Édipo rei” – para além da mera representação histórica da civilização que pavimentou o caminho da contemporaneidade – seja a sintetização de conceitos teóricos complexos por meio da arte, permitindo a vários pensadores traduzir reflexões complexas referenciando situações concretas relativamente simples enfrentadas pelos personagens da peça teatral.

Tanto isso é verdade que, no decorrer dos séculos, muitos estudiosos se debruçaram sobre a obra, discorrendo sobre relações humanas as mais diversas, desde o campo da filosofia clássica – com as classificações de Aristóteles –, passando pela psicologia – com Sigmund Freud –, até a filosofia das relações de poder e dominação – cujo exemplo essencial é o de Michel Foucault.

Partindo da visão artística de Sófocles, em “Édipo rei”, constatamos que a peça espelhou questionamentos e ideias percussoras no contexto social, jurídico, político, religioso, artístico e cultural, experimentadas na Antiguidade. O dramaturgo versificou as relações humanas, permitindo adentrar em diversos universos do conhecimento interligados por meio de um diálogo poético e compreensível, enriquecendo verdadeiramente os estudos teóricos da filosofia e do direito.

A interdisciplinaridade propiciou a edificação do saber poético, teatral, literário e jurídico-filosófico. A integração das ciências possibilitou a ampliação do olhar de um saber para com o outro, bem como o alcance do conhecimento verdadeiro e ampliado. A tragédia, de Sófocles permite vivenciarmos experiências em múltiplas facetas, gerando um novo entendimento sobre cada saber e suas peculiaridades, mecanismo primordial para conhecimento humano e humanizado.

A ligação do direito com a poesia na obra sofocliana ilustrou a maturidade das relações entre esses saberes, na medida em que a tragédia versificada pelo famoso dramaturgo acabou por retratar, no contexto teatral, o fenômeno da judicialização da vida. Aliás, com a criação sofocliana de “Édipo rei”, foi plausível constatarmos a incipiência do direito grego, as suas transformações e dilemas correlatos. Sófocles apresenta aspectos do período arcaico e clássico, expondo características tirânicas e democráticas no governo do herói, por vezes relacionando Édipo aos legisladores e poetas Sólon e Péricles.

No que concerne ao direito, o cidadão ateniense tinha a prerrogativa de falar pessoalmente e exibir provas perante um tribunal. Não havia se desenvolvido a figura do advogado. O cidadão participava ativamente da vida pública, circunstância muito bem representada pelas interpelações e participações do Coro e do Corifeu na peça.

De igual modo, a Grécia fora o berço da poesia. Os responsáveis pela transmissão dos mitos versificados eram os *aedos* e os *rapsodos*, ambos detentores de papéis valorizados naquele universo, haja vista que a poesia oral propiciava uma relação de dependência para com a sociedade, verdadeiro elemento educativo e o único meio de comunicação coletivo durante centenas de anos. Com o advento da escrita, do entrelaçamento da retórica com a poesia, a improvisação cede espaço para a profissionalização, daí o surgimento, no âmbito teatral, de peças emblemáticas como “Édipo rei”.

Como visto, o teatro grego é palco das experiências capazes de interferirem na convivência de um seio social, penetrando na mente e no espírito do homem comum, de tal modo a permitir a vivência do imaginável e do inimaginável, sentimentos de amor e ódio, sofrimento e contentamento. Os problemas reais podem ser ilustrados no palco, onde o poeta tem liberdade de trabalhar sensorialmente conhecimentos abstratos.

Devido ao misto de sensações (como a catarse, a peripécia), os cidadãos, uma vez frequentadores do teatro grego e habituados com a filosofia, repensavam e formavam as suas respectivas opiniões e convicções para, posteriormente, discutirem, preparando-se para lidarem com os embates políticos cotidianamente vivenciados. Da mesma forma, é primordial o contato artístico na contemporaneidade.

Com efeito, a linguagem teatral propicia o desenvolvimento do conhecimento e da compreensão humana, na medida em que o ser humano é desnudado, ficando aberto a outras percepções da realidade. O teatro e a poesia estabelecem desafios ao direito, na medida em que retratam o modo de viver de forma fidedigna, possibilitando enxergar nuances não percebidas no contexto diário, ampliando a visão para o passado, presente e futuro.

Não há como abordar o âmbito poético e da teatralidade (exigências cênicas do teatro) sem recorrer às classificações de Aristóteles e a sua “Poética”, para quem a tragédia sofocliana “Édipo rei” se constituía em um verdadeiro modelo de produção artística. A peça de Sófocles, na visão do estagira, é a maior tragédia do teatro grego, tendo presentes a *mimese*, a *catarse*, a *hamartia*, havendo utilizado com maestria das classificações e elementos

imprescindíveis para a composição trágica, produzindo a reviravolta, o reconhecimento e a comoção emocional.

Édipo é um paradigma do herói trágico, sendo aquele que não é totalmente bom, nem totalmente ruim, é o infortunado devido a um erro involuntário, é aquele que principiava uma maldição, mesmo antes do seu nascimento.

Além disso tudo, segundo Foucault, “Édipo rei” é o primeiro testemunho das atividades judiciais do século V a.C., mostrando o nascimento do inquérito, a imprescindibilidade da prova testemunhal e da confissão para a reconstrução, em um órgão judiciário, de fatos pretéritos. Sob a perspectiva de Foucault, Édipo é uma história dramatizada do direito grego. O investigador tornou-se o infeliz investigado, as testemunhas que presenciaram os acontecimentos pretéritos tornaram à luz a incontornável verdade.

Desse modo, surgiram novas formas racionais de prova, com o estabelecimento dos respectivos procedimentos a serem adotados com o objetivo de desvelar a verdade. O mito de Sófocles, na concepção foucaultiana, é um modelo eficaz de manifestação da verdade, verdade cujo desvelamento se torna uma tarefa eminentemente política.

Infer-se das lições de Foucault que o poder somente pode ser exercido com a descoberta da verdade e o mecanismo da verdade obedece a uma lei, denominada pelo filósofo como “leis das metades”. Por meio dela, elementos parciais de verificação necessitam de complemento, a sua metade. No exemplo de “Édipo rei”, ficam bem evidenciadas a metade divina, a metade da realeza e a metade serviçal.

No decorrer da trama, é fascinante notar, com base nas premissas foucaultianas, como as metades se encontram e se completam. Primeiro, com a conexão da revelação oracular (imortal) às revelações do adivinho Tirésias (mortal) – metades divinas preditoras do futuro. Em segundo, as lembranças indiretas da rainha Jocasta vão ao encontro das lembranças indiretas do protagonista Édipo – metades da realeza que relatam o presente. Por derradeiro, a metade serviçal, encaixada em sua plenitude na acareação entre o mensageiro coríntio e o pastor tebano – metades que testemunham o passado. Desse modo, todos os níveis existentes relacionam-se e, com a união de todos os fragmentos, a verdade trágica e inquestionável vem à tona. Verdade essa devidamente provada e atestada pelo Coro.

Considerando o exposto no raciocínio de Foucault, Édipo é o homem da desmedida, do poder político, do conhecimento de Atenas contemporânea a Sófocles, portanto detentor da sabedoria e poderio em excesso. Além disso, exerce um poder fundamentado em seu ato heroico

e não em laços consanguíneos, por isso o estrangeiro é considerado um tirano, com qualidades e defeitos inerentes ao poder tirânico, inclusive em vista das alternâncias de períodos afortunados e infortunados.

Desse modo, como abarcado no presente trabalho, o Édipo foucaultiano é uma história do saber-poder-tirânico, um instrumento de exercício de poder intimamente ligado ao saber solitário do herói. E em vista da união do saber com o poder, o herói atinge um final de vida deplorável, resultado das reiteradas ações errôneas praticadas no decorrer de toda a trama.

Os versos de Sófocles abarcaram significativamente a relação meta-complementar de poder, tema tratado com alicerce nos profundos estudos da professora doutora Mara Regina de Oliveira. Foi possível averiguar, sob um olhar jurídico-filosófico, as questões pertinentes à legitimidade, aos elementos do discurso (emissor/sujeito/orador; receptor/endereçado social/ouvinte; objeto) e as possíveis reações às ordens normativas.

A profusão de relações trazidas na obra “Édipo rei”, em conjunto com os ensinamentos da referida professora, permitiu uma compreensão ampla e aprofundada das relações de poderio, valendo o destaque as interlocuções havidas entre Édipo e os membros da realeza, entre aquele e o povo, bem como em face dos próprios deuses, medindo a fluidez com que o poder se desloca, metaforicamente.

Dessa feita, foi possível investigar, nos personagens da tragédia, a relação de mando e obediência, a submissão, a autoridade, a violência não razoável e a simbólica, a dissimulação, a retórica, a postura feminina, a manipulação, emprego da força, a ordem e a desordem, o desprezo, o fascínio divino e o seu questionamento, bem como o abuso do poder. Como se não bastasse, a questão da desmedida (*hybris*) foi fortemente tematizada por Sófocles, contrastando a irracionalidade à racionalidade (*homo sapiens* e *homo demens*) quando explorados o conluio, a crueldade, a fragilidade, a loucura e, por fim, a afetividade e a compaixão.

Na peça versificada por Sófocles, foram perceptíveis as relações de poder desde a cena inaugural da tragédia, quando Édipo já é o detentor do poder tebano, por ter, há muitos anos, decifrado o enigma da Esfinge, alcançando sua posição por um golpe de sorte, algo tipicamente tirânico. Nesse contexto, Édipo alcançou um poder devidamente confirmado e reconhecido pelo povo e um prêmio estipulado por decreto de Creonte, seu cunhado: o matrimônio com própria mãe Jocasta.

Em que pese a peça iniciar com Édipo entronado, versos impactantes rememoraram eventos pretéritos e permite ao leitor/espectador enxergar inversões de poderio anteriores (de

Laio para Creonte, deste para Édipo e, por fim, de Édipo de volta a Creonte, quando do alcance da verdade). Não houve usurpação violenta de poder. O próprio Édipo, na luta contra o destino e na sua busca desenfreada pela verdade, descobre ser o autor do crime praticado contra o próprio pai Laio, devendo acatar a própria sentença por ele proclamada inicialmente.

A insensatez e o temperamento mercurial do herói, que visava a manutenção do seu poder e sentia-se constantemente ameaçado, levou-o a efetivar más escolhas. Embora possuidor de espaço de exercício de liberdade, Édipo era irredutível, tendo desprezado todos os aconselhamentos e sinais de silêncio, mesmo antevendo que poderia ser ele o autor do crime, logo o responsável pela desordem da cidade, porquanto, ao ignorar tantas alertas, avizinhava-se cada vez mais da sua decadência trágica, geradora da perda do seu bem maior, o seu poder.

Ao final da tragédia, dá-se a perda do poder daquele que incansavelmente combatera o seu destino. A tragédia surpreende com o colapso mental da rainha, a qual, psicologicamente fragilizada, se suicida. Também não se olvide o posterior autocegamento do herói, ocasionando em sua morte espiritual, deixando de enxergar o universo dos homens, da vida, do prazer e do próprio poder.

De modo geral, com supedâneo nos ensinamentos aristotélicos, a tragédia é tão surpreendente que somos afetados pela *catarse*. A peça conduz ao pavor, ao terror e à compaixão, propiciando a experimentação, no espectador, daquilo que sofrera o protagonista. O imaginário é completamente afetado e purificado. Por isso mesmo ser considerada a mais valiosa reconstrução trágica encenada nas tragédias gregas da Antiguidade, imprimindo marcas indeléveis em nossa civilização ocidental.

Convém novamente frisar que o mito edipiano exposto por Sófocles mostra, à época, um novo modo do homem se compreender. Com isso, gera sentimentos universalmente partilhados, em virtude dos conflitos expressados, envolvendo as questões de poder, saber, solidão, morte, compaixão, sofrimento extremo, ascensão e queda do herói, com o término surpreende e inevitável.

Eis o porquê de ser pertinente aduzir que “o fenômeno do poder manifesta-se como uma prática social que se exerce, e que não está localizado em nenhum ponto específico da estrutura social, mas sim, sutilmente difuso e espalhado por todas as reações humanas” (OLIVEIRA, M., 2006, p. 87). Desta feita, são próprias ao poder as interações sociais, bem como a situação comunicativa correlacionada. Nesse contexto, nessa obra clássica do teatro

grego transparece a interatividade nas relações de poder e a complexidade inerente ao homem, características presentes desde os primórdios da humanidade até hodiernamente.

À guisa de conclusão, a famosa obra “Édipo rei” impõe uma reflexão humanística sobre a interatividade das relações de poder, prevalecendo a afetividade, sendo, portanto, uma tragédia onde impera não só a desmedida em busca da verdade, mas também a aparente compaixão sob a sede da vingança, na medida em que Creonte, de volta ao poder, não pune imediatamente o herói que outrora o expulsara de Tebas, bem como sentenciara a sua morte.

Em que pese o distanciamento cronológico da peça sofocliana, trata-se de uma obra atemporal, expositora de dilemas e traços fundamentais da condição humana que permanecem arraigados na atualidade. Representa a importância da arte e da interdisciplinaridade na busca de experiências formais empíricas e, sobretudo, em termos de questionamento da nossa ordem política, jurídica, religiosa, filosófica e social.

A arte educa, direciona, inspira, humaniza e promove o senso crítico dos indivíduos. Desse modo, com fulcro no ensino interdisciplinar da arte poética, contextualizando com a filosofia do direito, com o direito e com o teatro, concretada sobre uma abordagem zetética, a poesia sofocliana permite ultrapassar o pensamento puramente lógico, auxilia com maestria a ampliação do raciocínio crítico, alarga a visão cognitiva e, enfim, estimula o pensamento jurídico-filosófico.

REFERÊNCIAS

- ALVEZ, João Vitor de Souza; SOLIANO, Vitor. Direito, Moda e Arte: os sintomas de uma crise (paradigmática) no fenômeno jurídico. *In*: FRANCA FILHO, Marcilio; LEITE, Geilson Salomão; PAMPLONA FILHO, Rodolfo (coord). **Antimanual de Direito & Arte**. São Paulo: Saraiva, 2016. p. 281-310.
- ARISTÓTELES. **A Constituição dos Atenienses**. Introdução, tradução do original grego e notas Delfim Ferreira Leão. 4. ed. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2015. Estima-se que a sua composição ou redação definitiva tenha sido entre 329-322 a. C. p. 6.
- ARISTÓTELES. **Constituição de Atenas**. Tradução e notas Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012. Estima-se que a composição ou redação definitiva tenha sido entre 329-322 a. C.
- ARISTÓTELES. **Poética**. 2. ed. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017. Estima-se que a sua composição ou redação tenha sido entre 335-323 a. C. p. 25.
- ARISTÓTELES. **Os pensadores**. Política. Livro I. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. Estima-se que foi elaborada no período que o estagira era preceptor de Alexandre, entre 342-336 a. C.
- ASMIS, Elizabeth. Platão sobre a criatividade poética. *In*: KRAUT, Richard (org.). **Platão**. São Paulo: Ideias & Letras, 2013.p. 399-430.
- ASSIS, Olney Queiroz; KÜMPEL, Vitor Frederico; SPAOLONZI, Ana Elisa. **História da Cultura Jurídica: O Direito na Grécia**. São Paulo: Método, 2010.
- AZEVEDO, Luiz Carlos de. **Introdução à História do Direito**. 4. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2013.
- BARROS, Gilda Naécia Maciel de. **Sólon de Atenas – A cidadania antiga**. São Paulo: Humanitas, 1999. Com tradução direta da obra poética de Sólon. p. 145.
- BARROS, José D’Assunção. **Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BITENCOURT, Cezar Roberto. **Tratado de Direito Penal**. Parte Geral. 25. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2019. v. 1.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas**. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BORNHEIN, Gerd. **Metafísica e finitude**. Porto Alegre: Movimento, 1972.
- BOWRA, C.M. **Grécia Clássica**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969.
- BRISSON, Luc. **Introdução à Filosofia do Mito**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

CÁNOVAS, Suzana Yolanda Machado. O fenômeno trágico. **Édipo Rei; Antígona; Sófocles**. Tradução Ordep Serra e Suele Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2017. p. 145-157.

CASTRO, Consuelo de. **Mitologia. Volume Terceiro**. 2. ed. Abril Cultural, 1976.

CICERO, Antônio. **A poesia e a crítica**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2017.

_____, Antônio. **Poesia e Filosofia**. Coleção contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CICCIO, Cláudio de. **História do Direito e do Pensamento Jurídico**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

CORDERO, Nestor Luis. **A invenção da filosofia**. Tradução Eduardo Wolf. São Paulo: Odysseus Editora Ltda. 2011.

COSTA, Josimey. Criar, comunicar e expandir. *In*: CASTRO, Gustave de; CARVALHO, Edgard de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição. (org). **Ensaio de Complexidade**. Porto Alegre, 2006. p. 135-146.

D'AVILA, Fábio Roberto. Direito Penal, Literatura e Representações. *In*: FRANCA FILHO, Marcilio; LEITE, Geilson Salomão; PAMPLONA FILHO, Rodolfo (coord). **Antimanual de Direito & Arte**. São Paulo: Saraiva, 2016. p. 352-359.

DUARTE, Adriane da Silva. Introdução. *In*: **Édipo Rei**: Sófocles. Tradução Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 2018, p.7-16. Estima-se que a peça tenha sido encenada em 429 e 425 a. C.

_____, Adriane da Silva. Apresentação. Introdução. Perfis dos personagens. *In*: **O melhor do teatro grego**. Prometeu acorrentado. Édipo Rei. Media. As nuvens. Tradução Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 7-15; 93-98; 188-191. Estima-se que a peça tenha sido encenada em 429 e 425 a. C.

ERA de ouro. *In*: GUIA CONHEÇA A HISTÓRIA. **A vida na antiga Grécia**. 2. ed. São Paulo: On Line, 2016, p. 42-53.

ÉSQUILO. **Sete contra Tebas**. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 32, 2018. Estima-se que a sua composição ou redação tenha sido em 467 a. C.

FARIA, José Eduardo. **Eficácia Jurídica e violência simbólica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1991. Coleção Educar, v. 13.

_____, Ivani. **Práticas Interdisciplinares na Escola**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

_____, Ivani. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. *In*: FAZENDA, Ivani. (coord). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez Editora, 2008. p. 21-32.

FERRAZ JÚNIOR, Tércio Sampaio. **Direito, Retórica e Comunicação**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2015.

_____, Tércio Sampaio. **Estudos de Filosofia do Direito. Reflexões sobre a Poder, a Liberdade, a Justiça e o Direito**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

_____, Tércio Sampaio. **Introdução ao Estudo do Direito: Técnica. Decisão. Dominação**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

_____, Tércio Sampaio. In Luhmann, Niklas. **Legitimação pelo procedimento**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

_____, Tércio Sampaio. **Teoria da norma jurídica: ensaio de pragmática da comunicação normativa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2016.

_____, Tércio Sampaio. Moses und Aron e (Moisé e Arão) Ópera de Arnold Schoenberg. In: FRANCA FILHO, Marcilio; LEITE, Geilson Salomão; PAMPLONA FILHO, Rodolfo (coord). **Antimanual de Direito & Arte**. São Paulo: Saraiva, 2016. p.23-28.

FERREIRA, Sandra Lúcia. Introduzindo a noção de interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani. (coord). **Práticas interdisciplinares na escola**. 13. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013. p. 39-41.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____, Michel. **A sociedade punitiva**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

_____, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: NAU, 2005.

_____, Michel. **Aulas sobre a vontade de saber**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014a.

_____, Michel. **Do governo dos vivos**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014b.

_____, Michel. **Malfazer, dizer verdadeiro**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018a.

_____, Michel. **O governo de si e dos outros**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018 b.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

GADAMER, Hans Gerog. **Verdade e Método II**. Tradução Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Voz Ltda, 2017.

GALIANO, Emilio Fernández-; MARTÍNEZ; Constantino Falcón; MELERO, Raquel López. **Dicionário de Mitologia Clássica**. Tradução: PATRÃO, Ana; ALMEIDA, Miguel Ribeiro de. SILVA, Teresa Rebelo. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da Grécia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000. p. 173.

GIRARDI, Mário Curtis. **História da Grécia**. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

GILISSEN, John. **Introdução Histórica ao Direito**. Tradução Maria Hespanha e L. Macaísta Malheiros. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

_____, John. O Direito Grego. *In: Introdução histórica ao Direito*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

GUINSBURG, J. *In: Édipo Rei de Sófocles*. Apresentação J. Guinsburg. Tradução Trajano Vieira. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. Estima-se que a peça tenha sido encenada em 429 e 425 a. C.

GLOTZ, Gustave. **A cidade grega**. 2. ed. Trad. De Henrique de Araújo Mesquita e Roberto Cortez de Lacerda. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

GUERRA FILHO, Willis Santiago; CANTARINI, Paola. **Teoria Poética do Direito**. Rio de Janeiro: Lumem Juris, 2015.

HELIODORA, Barbara. **O teatro**: explicado aos meus filhos. Rio de Janeiro: Agira, 2008.

_____, **Os trabalhos e os dias**. Tradução e estudo e notas Luiz Otávio Mantovaneli. São Paulo: Odysseus Editora, 2011. Estima-se que a sua composição ou redação definitiva tenha sido no século VIII a. C.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. Introdução e apêndices de Peter Jones. Introdução à edição de 1950 E. V. Rieu. 4. ed. São Paulo: Penguin Classic Companhia das Letras, 2013. Estima-se que a sua composição ou redação definitiva tenha sido entre os séculos VIII - VII a. C.

JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. Tradução: Artur M. Pereira. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JAPIASSU, Hilton. **A crise da razão e do saber objetivo. As ondas do Irracional**. São Paulo: Letras & Letras, 1996.

_____, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1976.

_____, Hilton. **A ideologia do conhecimento científico**: Curso 'A Ciência Ante a Ética', UFMG, 1979.

JONES, Peter. Introdução. *In: Homero. Ilíada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. Introdução e apêndices de Peter Jones. Introdução à edição de 1950 E. V. Rieu. 4. ed. São Paulo: Penguin Classic Companhia das Letras, 2013. Estima-se que a sua composição ou redação definitiva tenha sido entre os séculos VIII - VII a. C.

KNOX, Bernard. **Édipo em Tebas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

KRAUSZ, Luis. **As musas**: Poesia e divindade na Grécia Arcaica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

LIMA, Hermano machado F. Ciência e complexidade. *In*: CASTRO, Gustave de; CARVALHO, Edgard de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição. (org). **Ensaio de Complexidade**. Porto Alegre, 2006. p. 50-54.

LOPES, José Reinado de Lima. **O Direito na História**: Lições introdutórias. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

LUHMANN, Niklas. **Sociologia do Direito**. Vol. I. Trad. Gustavo Bayer. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

MACIEL, José Fabio Rodrigues. **Historia do direito**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

MAMET, David. **Teatro**. Trad. Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MANTOVANELI, Luiz Otávio. Apresentação. *In*: **Os trabalhos e os dias**. Hesíodo. Tradução e estudo e notas Luiz Otávio Mantovaneli. São Paulo: Odysseus Editora, 2011. Estima-se que a sua composição ou redação definitiva tenha sido no século VIII a. C.

MARSHALL, Francisco. **Édipo Tirano: a tragédia do saber**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

MARTINS, Ives Gandra da Silva. **Reflexões sobre a vida**. Decálogos do advogado e do trabalho ordinário. Produzido Giordanus para o selo Pax & Spes. São Paulo: Editora Graphin, 2014.

_____, Ives Gandra da Silva. **Uma breve introdução ao estudo do Direito**. 2. ed. São Paulo: Migalhas, 2015.

_____, Ives Gandra da Silva. **Uma breve teoria do poder**. São Luís: Livraria resistência Cultural, 2016.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da língua portuguesa**. Online. Editora Melhoramentos, 2018.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. 21ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

_____, Edgar. **Como viver em tempos de crise?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____, Edgar. **Ciência com Consciência**. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

_____, Edgar. **O Método 5: a Humanidade da Humanidade** - a Identidade Humana, 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa, 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MOTTA, Gilson. **O espaço da tragédia: na cenografia brasileira contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

NUNES, Benedito. **Ensaio Filosóficos**. Editora: WMF Martins Fontes, 2011.

_____, Benedito. **Hermenêutica e poesia: o pensamento poético**. Belo Horizonte; Editora UFMG, 1999.

_____, Benedito. **Passagem para o poético**. Filosofia e Poesia em Heidegger. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

OLIVEIRA, Mara Regina de. **O desafio à autoridade da lei: a relação entre poder, obediência e subversão**. Rio de Janeiro: Corifeu, 2006.

_____, Mara Regina de. **Shakespeare e o Direito**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2015.

OLIVEIRA, Regis Fernandes de. **Direito e Arte**. São Paulo: Malheiros, 2017.

PALMA, Rodrigo Freitas. **História do Direito**. 7. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia: a construção da personagem**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PARANHOS, Adalberto. História, política e teatro. *In*: PARANHOS, Kátia R.. (coord). **História, teatro e política**. São Paulo: Boitempo, 2012, p.35-58.

PEDROSA, Ronaldo Leite. **Direito em História**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2008.

PEÑA, María de Los Dolores. Interdisciplinaridade: questão de atitude. *In*: FAZENDA, Ivani. (coord). **Práticas interdisciplinares na escola**. 13ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2013. p. 66-75.

PINHEIRO, Paulo. Introdução. *In*: Aristóteles. **Poética**. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. 2. ed. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 7-34. Estima-se que a sua composição ou redação tenha sido entre 335-323 a. C.

PEREIRA, João-Frayze. **O que é loucura**. 10ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates. O Banquete**. Tradução e notas Sueli Maria de Regino (Apologia de Sócrates) e Maria Aparecida de Oliveira Silva (O Banquete). São Paulo: Martin Claret, 2009. p. 59-130.

_____. **As leis, ou da legislação e Epinomis**. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2010.

PRADO, Anna Lia Amaral de Almeida. Programa e realização. *In*: **História da Guerra do Peloponeso**: Livro I – Edição bilíngue. Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. Tucídides. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

QUINET, Antônio. **Édipo ao pé da letra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

REALE, Giovanni. **Léxico da Filosofia Grega e Romana**. História da Filosofia Grega e Romana. v. IX. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

RIBEIRO JÚNIOR, João. **Grécia Mitológica**. Campinas: Papirus, 1984.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

ROCHA, Fernando Antônio Dusi. **O problema da verdade: Literatura e Direito**. Belo Horizonte, Argymentvm, 2010.

SARTRE, Jean- Paul. **Que é literatura?** São Paulo: Ática, 1989, p. 220.

SEBASTIANI, Breno Battistin. Édipo e seus enigmas. *In: Édipo Tirano: Sófocles*. Tradução e comentários de Leonardo Antunes. Introdução de Breno Battistin Sebastiani. Posfácio de Maria Homem. São Paulo: Todavia, 2018, p. 9-22. Estima-se que a peça tenha sido encenada em 429 e 425 a. C.

SERRA, Ordep. Introdução. *In: Édipo Rei. Antígona. Sófocles*. Tradução Ordep Serra e Suele Maria de Regino. São Paulo, Martin Claret, 2017. p.9-44. Estima-se que a peça tenha sido encenada em 429 e 425 a. C.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. Arte. *In: FAZENDA, Ivani. (coord). Interdisciplinaridade, pensar, pesquisar e intervir*. São Paulo, Cortez, 2014.p. 37-42.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Apresentação Adriane da Silva Duarte. Tradução Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. Estima-se que a peça tenha sido encenada em 429 e 425 a. C.

_____, **Édipo Rei: Antígona. Sófocles**. Tradução e notas Ordep Serra e Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2017. Estima-se que a peça tenha sido encenada em 429 e 425 a. C.

_____, **Édipo Rei de Sófocles**. Apresentação J. Guinsburg. Tradução Trajano Vieira. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. Estima-se que a peça tenha sido encenada em 429 e 425 a. C.

_____, **Édipo Tirano**. Tradução e comentários de Leonardo Antunes. Introdução de Breno Battistin Sebastiani. Posfácio de Maria Homem. São Paulo: Todavia, 2018. Estima-se que a peça tenha sido encenada em 429 e 425 a. C.

_____, **O melhor do teatro grego: Prometeu acorrentado. Édipo rei. Medeia. As nuvens**. Apresentação geral, material de apoio e revisão das notas Adriane da Silva Duarte. Tradução Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Estima-se que a peça tenha sido encenada em 429 e 425 a. C.

SOMMERSTEIN, Alan H. As peças tebanas de Ésquilo. *In: Ésquilo. Sete contra Tebas*. tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira, Ensaio de Alan H. Sommerstein. São Paulo: Editora 34, 2018. Estima-se que a sua composição ou redação tenha sido em 467 a. C.

THIBODEAU, Martin. **Hegel e a Tragédia Grega**. São Paulo: É realizações, 2015.

THOMAS, Rosalind. **Letramento e oralidade na Grécia Antiga**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

TOURINHO FILHO, Fernando da Costa. **Manual de Processo Penal**. 18. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2018.

VÁRZEAS, Marta Isabel de Oliveira. **A força da palavra no teatro de Sófocles**. Entre Retórica e Poética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

VERNANT, Jean-Pierre. **A travessia das Fronteiras: Entre o Mito e Política**. Tradução Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____, Jean Pierre. NAQUET, Pierre Vidal. **Mito e tragédia na Grécia Antiga**. Tradução: Prado Anna L. A. de, Garcia, Filomena Y. H. e Cavalcante, Maria da C. M. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____, Jean Pierre. **Mito e sociedade na Grécia Antiga**. Tradução: Myriam Campello. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

APÊNDICE A – Epítome poético

Em apenso, como introduzido outrora,
segue o epítome poético elaborado pela autora.

A experiência rítmica auxilia na reflexão,
aliás, a poesia é alimento, a poesia é pão.

Desta feita, convém poetizar
que por meio do estudo interdisciplinar
da obra “Édipo rei”, foi possível no universo grego antigo navegar
e peculiaridades daquele período resgatar.

Adentramos naquele contexto social,
filosófico, religioso, jurídico, político e cultural.
Na Antiguidade, notamos a incipiência do direito,
a predominância da poesia e a importância do âmbito teatral.

Remontar o direito grego é uma tarefa complicada,
devido à exiguidade de fontes, inclusive desconjuntada.
Todavia, é fato que trouxeram grandes contribuições
que refletiram e refletem até hoje em várias nações.

A origem da poesia está submergida no tempo. Todavia,
etimologicamente, a palavra poesia é uma derivação
do grego antigo poíēsis, significando um “fazer”, uma criação.
“Tudo o que surge do nada é poesia ou criação”, conforme Platão.

A definição de poesia, vale esta menção,
designava: “palavra”, “provérbio”, “oráculo” ou “canção”.
Apreende-se então, que para tais nomenclaturas não havia distinção.
A poesia era predominantemente oral e cantada por aquela civilização.

Exemplificando, na obra de estudo “Édipo rei”, a poesia
é cantada pelo Coro, com profícua maestria.

A poesia norteava os rumos daquela sociedade,
sendo, inclusive, durante grande período, atrelada à divindade.

A iniciação da produção teatral no mundo grego adveio da improvisação.
O teatro representava a pura admiração,
e, concomitantemente, uma visão do universo em transformação.
Aos poucos ocorreu a sua profissionalização.

Sófocles, possuidor de vasto acervo enciclopédico e de grande visão,
recontou o mito edipiano, transmitido de geração em geração.
O dramaturgo e poeta aperfeiçoou tanto a versão
que “Édipo rei”, de Sófocles, impacta e aflige qualquer coração.

Sófocles foi primordial para o desenvolvimento teatral
do seu período e influencia ainda hoje toda a civilização ocidental.
Ele transmitia a sua arte com mais emoção, de forma louvável,
sendo fonte de transmissão de um passado memorável.

Sófocles fizera a contextualização de seus versos com a realidade

de forma tão fabulosa e comovente que, em sua época, foi muito elogiado por aqueles que o cercavam em comunidade, inclusive, pelo sempiterno Aristóteles, o dramaturgo foi referenciado.

Aristóteles entendia a arte como meio de conhecimento eficaz. Em sua “Poética”, o modo de composição dos poemas ele foi capaz de mostrar, inclusive ensinando um poema mimético a produzir, segundo critérios que conseguiu bem construir.

O estagira mostra a evolução poética, as suas espécies e classificação. As suas contribuições foram majestosas e auxiliaram na definição dos gêneros principais da literatura: épico, lírico e dramático. Audacioso na exploração interdisciplinar, era prático e didático.

“Édipo rei” possuía caráter de serventia geral ao povo da Antiguidade e ainda detém grande importância para a atualidade.

Ricos são os ensinamentos de Foucault, que nos permite enxergar as práticas judiciárias que durante toda a poesia veio a reinar.

O procedimento jurídico-político para a obtenção da verdade é o inquérito. Nele as testemunhas são primordiais para revelar fatos pretéritos. Busca-se incessantemente a verdade, por meio da confissão, e, quando escravo, cabível a tortura, intrínseca àquela judicialização.

Do início ao fim, o desvelamento da verdade é matéria central e vasta. Explano: para Foucault mister a reunião

da metade profética (Apolo e Tirésias), dos soberanos (Édipo e Jocasta) e dos servidores (mensageiro coríntio e pastor tebano).

Somente é possível o alcance da verdade nefasta
com a união de todos os fragmentos no decorrer da poesia.
“Édipo rei” é construído em torno também do saber, do poder e da tirania.
O protagonista retrata problemas políticos, inclusive da democracia.

“Édipo rei” é repleta de impactos e de interatividade,
permite a transição do dilema fictício para o mundo real.
Conforme a professora Oliveira M., o âmbito teatral
serve de ligação entre a sapiencialidade e a demencialidade.

“Édipo rei” evidencia a ordem e a submissão.
A peça é marcada pelas violências simbólica e real.
O protagonista, por vezes, não enxerga a razão.
A sua ânsia pela manutenção do poder é sobrenatural.

Da ignorância à consciência, da ascensão à perda do poder.
“Édipo rei” é uma tragédia inimaginável de se viver.
O protagonista matou o pai, casou-se com sua genitora sem saber,
e gerou uma prole desgraçada, sem ao menos perceber.

O todo-poderoso governante de Tebas, com o descobrimento,
sente-se um infeliz. Era herdeiro de um destino funesto, um azarento.
O descobrimento da verdade, o suicídio de Jocasta e a sua automutilação,

causaram pavor e terror. O herói termina submerso em literal escuridão.

Embora horripilante, insofismavelmente, “Édipo rei” é uma peça magistral, em âmbito jurídico-filosófico, artístico, literário, político e social.

Ela possibilita o estreitamento das relações da arte com o direito.

Uma obra perpetuada no tempo da qual se extrai excepcional proveito.

“Édipo rei” permite ultrapassarmos o pensamento lógico puramente.

e visualizarmos o mundo esteticamente.

O espetáculo teatral amplia a capacidade da visão cognitiva.

Enfim, a arte educa, humaniza, inspira e motiva.